



FALA CPT

Informativo da Comissão Pastoral da Terra - Regional Goiás



nº 238
junho, 2025



CPT Goiás lança publicação sobre conflitos no campo na Feira Agro Centro-Oeste Familiar

No dia 05 de junho, a CPT Goiás lançou o caderno *Conflitos no Campo 2024 - Análise dos dados registrados em Goiás*. Com textos de autores convidados, a publicação propõe reflexões sobre os conflitos ocorridos em Goiás no último ano e registrados pelo Centro de Documentação Dom Tomás Balduino/CPT.

A análise geral dos conflitos foi escrita pelo professor Cláudio Maia, da Universidade Federal de Goiás Campus Catalão (UFCAT). Para ele, o uso da violência em Goiás revela um movimento de "contrarreforma agrária" no estado, que além de tentar impedir a expansão de modelos de produção diferentes do agronegócio exportador, tem a intenção de tomar os territórios onde vivem povos camponeses, quilombolas e indígenas.

Além dos conflitos por terra, o caderno contém análise sobre conflitos pela Água, ocorrências de trabalho escravo, violências contra pessoas e violências de gênero nos conflitos agrários em Goiás. A publicação teve também a honra de contar com a contribui-

ção do Arcebispo de Goiânia, Dom João Justino, com uma reflexão bíblica com o tema da violência no campo, e de Dom Jeová Elias, bispo da Diocese de Goiás, que escreveu um texto de memória sobre os 40 anos de martírio do trabalhador rural e sindicalista Nativo da Natividade, que também é tema de um texto deste jornal (pg. 5).

Para animar as lutas camponesas, quilombolas e indígenas no estado, historicamente motivadas pela arte popular, o caderno traz a poesia "Reis do Agronegócio", de Carlos Rennó, consagrada na voz de Chico César, como prólogo, e um texto em prosa, da coordenação colegiada da CPT Goiás, como desfecho.

Conflitos no Campo 2024 - Análise dos dados registrados em Goiás tem distribuição gratuita e também pode ser acessado pelo site da CPT Goiás (cptgoias.org.br/publicacoes). Desejamos a todos uma boa leitura e, para todas as comunidades, desejamos a garantia de suas terras e territórios, com paz.

Grupos da lavoura comunitária do Assentamento Padre Ilgo/Caiapônia (à direita) e do Assentamento Oziel Alves Pereira/Baliza (abaixo) comercializam arroz beneficiado na Feira AgroCentro-Oeste Familiar 2025

Lavouras comunitárias: segurança alimentar, vínculos comunitários e geração de renda

Os plantios coletivos da safra 2024/2025 nas comunidades acompanhadas pela CPT Goiás fortalecem assentamentos e acampamentos da Reforma Agrária e Comunidades Quilombolas enquanto produtores de alimentos saudáveis. Driblando as dificuldades de acesso às políticas públicas, as famílias promovem geração de renda e integração comunitária por meio das práticas agroecológicas e solidárias.

Até o momento, contabilizamos mais de 25 experiências de lavouras coletivas nas seis dioceses acompanhadas pela pastoral, com a participação de centenas de famílias, que cultivaram arroz, milho, variedades de feijão, mandioca, abóbora, hortaliças, entre outras, compartilhando e guardando sementes e colocando em prática saberes novos e tradicionais.

Entre os destaques da colheita, o Assentamento Oziel Alves Pereira, em Baliza, colheu cerca de 13 toneladas de arroz e 2 toneladas de feijão plantados coletivamente. No Assentamento Padre Ilgo, em Caiapônia, foram colhidas cerca de 300 sacas de arroz em uma lavoura de 2 hectares. Com a boa produção, ambos beneficiaram a colheita e comercializam arroz agroecológico na Feira AgroCentro-Oeste Familiar 2025, em Goiânia.

Algumas comunidades enfrentaram perdas devido às mudanças no regimes das chuvas. Em Orizona, uma lavoura de arroz foi completamente perdida após 26 dias sem chover. O mesmo ocorreu em outras comunidades onde o milho não se desenvolveu bem e, em alguns casos, foi aproveitado para silagem.



Mesmo diante dos desafios, as lavouras comunitárias têm reafirmado sua importância como ferramenta de resistência ao agronegócio, garantia de soberania alimentar e fortalecimento da vida no campo com base nos saberes agroecológicos.



Comunidades recebem 600 mudas de árvores frutíferas

Para contribuir na diversificação de quintais produtivos, a CPT Goiás e equipes diocesanas distribuíram 600 mudas de árvores frutíferas para comunidades acompanhadas nas seis dioceses onde a pastoral atua. Além da entrega das mudas, as equipes pastorais organizaram nas comunidades atividades de formação em Agroecologia. Em Silvânia, na Comunidade Santa Rita do João de Deus, foi realizada uma Oficina Agroecológica sobre o preparo de berços para receber as mudas. Em Cavalcante, na Comunidade Rocinha e Vermelho, a atividade teve a participação de Luís Carlos Lopes, chefe da brigada de PREVFOGO do IBAMA de Minaçu, sobre prevenção a incêndios. Na Comunidade Queixo Danta, em Mimoso de Goiás, a Comunidade deu início, com as mudas recebidas, à implantação de um Quintal Produtivo Agroecológico.



Plantio de mudas na Comunidade Quilombola Queixo Dantas (Mimoso de Goiás)

Comunidades da Diocese de São Luís de Montes Belos terão agroindústria de polpa

As mudas frutíferas chegam aos territórios da região de Palestina de Goiás como parte de um plano bem maior. Lá, algumas comunidades estão participando do projeto Projeto Terra e Território do Médio Araguaia, para a construção de uma agroindústria de polpas de frutas. A implantação se dá por meio da Cooperativa Coopercap e cada etapa conta com diferentes parceiros, que incluem a universidade, prefeitura e câmara de vereadores de Palestina de Goiás, parlamentares, comunidades e movimentos sociais. Comunidades de Caiapônia, Palestina e Iporá participam da articulação do projeto, que também irá beneficiar comunidades de Baliza, Doverlândia, Bom Jardim, Piranhas, Amarinópolis, Diorama e Arenópolis.



Entrega das Mudas na Comunidade Santa Rita, em Silvânia



Entrega de Mudas na Comunidade Quilombola Rocinha, em Cavalcante

CPT 50 ANOS: FAZER MEMÓRIA PARA SEGUIR ADIANTE

A CPT chega neste 2025 aos 50 anos, e este jubileu, que está sendo comemorado desde o ano passado, terá seu ponto alto no 5º Congresso Nacional, em São Luís do Maranhão, em julho. Foi aqui em Goiás [o] nascimento da CPT, durante o Encontro de Pastoral da Amazônia de 1975, no Centro Dom Fernando, em Goiânia, que reuniu bispos não só do bioma amazônico, mas também do Cerrado. Era um tempo de repressão da Ditadura, e a Igreja foi provocada a agir, e criar um instrumento pastoral de acompanhamento dos camponeses, e de denúncia das situações de violência.

Como o som da batida forte de um tambor (símbolo escolhido para este jubileu), a CPT fez ecoar, já no seu início, os clamores dos povos do campo, ameaçados, expulsos de suas terras, marginalizados pelos poderes constituídos, escravizados, assassinados. Nestes 50 anos, a CPT teve que ser, em muitos momentos a voz destes povos, mas atuou para lhes dar "voz, vez, e lugar".

Para a CPT ser criada, foi necessária uma ampla articulação, liderada pelo bispo da Diocese de Goiás, dom Tomás Balduino, que conhecia a realidade amazônica, pois foi missionário no Pará, aprendeu a língua dos indígenas e, como era piloto, conseguiu um pequeno avião para chegar às comunidades da floresta. Também conhecia o Cerrado, já que nasceu em Posse, norte goiano, e desde o final dos anos 60 era bispo de Goiás, onde mobilizou a igreja para entender o contexto socio-político, e atuar junto aos camponeses, fazendo a opção pelos pobres à luz do Evangelho.

Foram estas experiências, como a de Dom Tomás, que forjaram a missão e a mística da CPT. Ele dizia "antes de ser estruturada, a CPT já existia nas Comunidades de Base, a partir da fé, no serviço aos pobres da terra". A pastoral tornou-se fundamental para a articulação dos trabalhadores, e aqui no Regional Goiás a mobilização para a luta pela terra foi muito forte. A ação pastoral e a formação de trabalhadores, agentes religiosos e leigos, gerou bons frutos. A pastoral apoiou posseiros que viram suas

terras e vidas ameaçadas por latifundiários, em diversas regiões, como no Córrego da Onça em Itapuranga. A conquista do primeiro assentamento do estado, o Mosquito, no município de Goiás, em 1986 foi um marco da resistência e luta camponesa. A CPT estimulou a retomada dos sindicatos e a criação de movimentos populares.

No jubileu da CPT, os 40 anos do martírio de Nativo da Natividade

Esse processo gerou reações violentas, e a dolorosa experiência do martírio. E nesta memória de 50 anos temos que trazer presente aqueles e aquelas que tombaram durante a caminhada, entre eles Nativo da Natividade, trabalhador rural, dirigente sindical e animador de comunidade, assassinado pelo latifúndio no ano de 1985, em Carmo do Rio Verde, portanto há 40 anos. A vida de Nativo exemplifica bem o propósito da CPT de formar e dar protagonismo aos camponeses e camponesas, para que eles alcancem a libertação animados pela fé. Seu martírio também exemplifica como este propósito é radical e profético.

Como temos fé na ressurreição, buscamos a justiça pelos que tombaram, mas celebramos suas vidas, acreditando que, como diz Pedro Tierra "renascemos todos os dias, como se fossemos uma vingança da vida, com outra luz, que ilude o cerco das sombras e acende aqui uma nova face, outra estrela recolhida no estoque infinito de utopias, renascemos..."

A CPT hoje segue esse caminho traçado pelos clamores e pelas utopias dos povos do campo, que como as batidas do tambor, ditam o ritmo de nossos passos, para enfrentar os desafios do nosso tempo. Que este ano jubilar, de memória e de olhar para o futuro, e o 5º Congresso, nos ajudem a renovar as esperanças e nossos compromissos.

José Gomes Neto
CPT Goiás - Diocese de Goiás

V CONGRESSO NACIONAL DA CPT



CPT 50 ANOS PRESENÇA, RESISTÊNCIA E PROFECIA



Romper Cercas e Tecer Teias:
A terra a Deus pertence! (cf. Lv 25)



21 a 25 de
julho de 2025

São Luís,
Maranhão

Juventude protagonizando o presente: Agroecologia e as Mulheres do Campo



Maria Eduarda fala aos participantes do Encontro de Agroecologia

Durante o Encontro Estadual de Agroecologia [da CPT Goiás, realizado nos dias 29 e 30 de abril], a jovem agricultora Maria Eduarda Costa, de Vianópolis, conduziu uma roda de conversa sobre Mulheres e Agroecologia. A partir de vivências pessoais, em família e na comunidade, ela falou sobre os saberes e fazeres femininos e os desafios enfrentados no campo, desde as relações familiares e comunitárias até a Agenda Climática. A conversa reuniu homens e mulheres participantes do encontro.

“Como jovem e mulher do campo, sinto que tenho um papel importante para cumprir, e estar à frente de um momento como este, me traz força para continuar lutando, pois vi minha voz ser escutada por outras pessoas. Apesar do nervosismo que é estar diante de pessoas mais experientes nesses assuntos, como a agroecologia e a luta das mulheres, me senti acolhida pela turma e tivemos trocas muito interessantes”, disse Maria Eduarda ao FALA CPT.

Maria Eduarda tem 18 anos e se formou como Técnica em Agropecuária pela Escola Família Agrícola de Orizona em 2024. Atualmente mora e atua juntamente com seus pais e sua irmã, em uma propriedade rural comunidade do Taquaral de Cima, produzindo agroecologicamente junto com a Associação de Agroecologia do Estado de Goiás (AESAGO).

Ela também tem participado das formações de mulheres na diocese de Ipameri. Encontros semelhantes também aconteceram, no primeiro semestre de 2024, nas dioceses de Goiás, São Luís de Montes Belos e Arquidiocese de Goiânia, e seguem até o final do ano, quando será realizado o V Encontro Estadual de Mulheres do Cerrado.



Encontro Diocesano de Mulheres (Diocese de Goiás), em Itapuranga.

Encontro realizado no último dia 31 de maio reuniu comunidades de Catalão



Mineração, violação de direitos e organização popular em Catalão

No dia 23 de maio de 2025, completaram-se dois anos do grande protesto realizado pelas comunidades rurais impactadas pela mineração na cidade de Catalão (GO), um marco na organização das famílias em defesa de seus direitos e no monitoramento das ações de duas mineradoras internacionais que atuam na cidade.

As comunidades queriam ser ouvidas e puderam apresentar ao poder municipal, judiciário e às próprias empresas, uma extensa carta de reivindicações, acompanhada de dados e relatos sobre o que vinham sofrendo há anos devido às atividades de extração de minérios.

Naquela ocasião, por intermédio de autoridades do executivo e judiciário, as mineradoras se comprometeram, entre outras coisas, a não judicializar mais famílias, a pagar o valor de mercado na compra áreas de seu interesse e a realizar ações de redução dos impactos ambientais e sociais de suas atividades.

Em abril de 2024, uma das mineradoras divulgou o plano de expansão de sua segunda pilha estéril e a construção de uma terceira pilha, que encobriria três nascentes mais na Macaúba, além das tantas que, mesmo envelopadas, já deixaram de existir.

O grupo, já mobilizado, organizou rapidamente um novo protesto. Em cavalgada e carreata, retornaram ao trevo onde foi realizado o ato de 23 de maio de 2023 e lá fincaram cruzeiros, simbolizando as nascentes mortas pela mineração no município. Assim, o grupo conseguiu abrir diálogo com a Secretaria Estadual do

Meio Ambiente Desenvolvimento (SEMAD), que estabeleceu uma série de condições à mineradora.

Dava-se início a um novo momento na organização das famílias e comunidades impactadas, que passaram a se reunir sistematicamente, uma vez por mês, para monitorar o cumprimento destes acordos e novas ocorrências.

A nova pilha de estéril está em construção e uma das minas previstas já foi envelopada. A empresa foi obrigada a perfurar poços artesianos para todas as famílias que resistem na Macaúba. Já foram mais de 50 poços e agora todos se preocupam com o nível do lençol freático.

Com o avanço nas mobilizações, os desafios vão mudando. Para ampliar o diálogo e pensar estratégias, as famílias organizaram o encontro "Mineração e violação de direitos: O Fortalecimento da Voz das Comunidades", realizado no último dia 31 de maio, na comunidade Macaúba, com assessoria de advogados populares e professores de direito.

[Veja como foi o encontro e acompanhe os desdobramentos desta luta no site da CPT Goiás e em nossas redes sociais.](#)

Irmã Maria Inês de Oliveira
CPT Goiás - Diocese de Ipameri

Lamento de uma Siriema

Vi uma Siriema cantando
em um terreno desmatado
Seu cantar era tão triste
olhando bem para o meu lado
Como se ela dissesse
"meus filhinhos, coitados,
um morreu de fome
e o outro envenenado.

Eu sou aquela ave
que cantava no espigão
alegrando os boiadeiros
por este meu sertão
Na sombra de um angiqueiro
amargando a solidão
minha melodia alegrava
seu coração.

Mas veio o tal progresso
meu Cerrado foi ao chão
A madeira foi queimada
virando só o carvão
fumaça subiu para o espaço
aumentando a poluição

O sol está tão quente
que triste situação
onde havia Cerrado
só se vê plantação
milho, cana, soja envenenada
e barulho de avião.

O homem se enriquece
está morando em uma mansão
eu sou apenas uma espécie
ameaçada de extinção.

Elísio Pinheiro
(Agricultor e poeta
popular de Orizona/GO)



Esta é uma publicação semestral da Comissão Pastoral da Terra Regional Goiás, ligada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil do Centro-Oeste (CNBB-CO)

CONTATOS:
Secretaria Regional:
secretaria@cptgoias.org.br
Comunicação:
comunicacptgo@gmail.com

SITE:
cptgoias.org.br

FOTOS:

Comunidades acompanhadas,
agentes pastorais diocesanos e
colaboradores/as

REDAÇÃO E EDIÇÃO:
Marília da Silva (CPT Goiás)

ARTE E DIAGRAMAÇÃO:
João Victor Carvalho

REALIZAÇÃO:



APOIO:



PARCERIAS:



ACOMPANHE
NOSSAS REDES SOCIAIS:

